



**3°  
sebra  
MUS**

**MUSEU DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA: UMA EXPERIÊNCIA EM  
DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA**

**Aline Damasceno Santana\***  
**Verona Campos Segantini\***

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo discorrer acerca das atividades desenvolvidas no Museu da Força Expedicionária Brasileira Regional Belo Horizonte (Museu da FEB-BH) que privilegiou a área de documentação museológica, tendo como foco o acervo fotográfico doado pelo Major John William Buyers à instituição. Parte-se, portanto, da importância da documentação administrativa e museológica como ferramentas de salvaguarda de acervos. Ressaltando-se a relevância em se estruturar nos museus sistemas de documentação que permitam que essas instituições realizem a preservação e a gestão do seu acervo. Adentrando ao estudo de caso, pretende-se apresentar os problemas encontrados na área de documentação museológica no Museu da FEB, bem como as soluções imediatistas encontradas, apontando para ações futuras a serem desenvolvidas pelo museu.

**Palavras-chaves:** documentação; salvaguarda; acervo fotográfico; John Buyers; digitalização.

**Abstract:** The purpose of this article is to discuss the activities developed in the *Museu da Força Expedicionária Brasileira Regional Belo Horizonte* (FEB Museum), which privileged the museological documentation area, focusing on the photographic collection donated by Major John William Buyers to the institution. Therefore, the importance of administrative and museological documentation as tools to safeguard collections is taken into account. Emphasis is placed on the need to structure documentation systems in museums allowing these institutions to carry out the preservation and management of their collections. In this case study, we intent to present the problems found in the area of museological documentation in the FEB Museum as well as the immediacy solutions found, pointing to future actions to be developed by the museum.

**Key words:** documentation; safeguard; photographic collection; John Buyers; scanning.



### **Documentação museológica: conceituação, função e importância**

Pôde-se considerar que os museus são espaços privilegiados para a promoção de reflexões e de produção de conhecimentos e saberes, atividades essas que perpassam a pesquisa sistemática dos testemunhos da cultura material por ele salvaguardado. Tais investigações realizadas nos museus estão imbricadas com a área de documentação museológica.

Considerando-se que as coleções e os acervos são, até hoje, um dos principais objetos de investigação dentro dos museus, mas não mais o seu objeto exclusivo, como foi nos séculos XVIII e XIX, JULIÃO (2006) aponta para dois vieses de pesquisa: a documentação museológica e a pesquisa em si, investigações que tem por finalidade ser disseminada ao público. Segundo a autora:

espécie de pesquisa instrumental, a documentação museológica procede à identificação, classificação, organização e ao levantamento de dados históricos do objeto, constituindo-se a base de informações sobre o acervo dos museus [...] com o objetivo de decodificar as informações contidas nos objetos, e criar um instrumento de pesquisa na forma de um inventário, catálogo ou registro. Constitui-se um meio de acesso informacional aos bens culturais, que subsidia a gestão do acervo e o desenvolvimento de diferentes atividades do museu (JULIÃO, 2006, p. 97).

Entende-se a documentação como uma ferramenta museológica que permite os museus conhecer profundamente o seu acervo e os objetos que foram inseridos nas coleções. Tal área contribui para a organização e gestão de um acervo museológico, bem como para sua difusão ao público através de exposições e atividades educativas. A atividade de documentação está correlacionada à função de salvaguarda nos museus, pois para além de fazer um levantamento geral das informações intrínsecas e extrínsecas pertencentes aos objetos, permite sua identificação individual. Torna-se, portanto, uma ferramenta que permite aos museus atestar a posse legal sobre o objeto, garantindo assim sua segurança contra qualquer ameaça interna ou externa.



## 3º sebra mus

Segundo PADILHA (2014), às atividades de documentação “diz respeito ao registro de toda informação referente ao acervo museológico” (PADILHA, 2014, p. 35), podendo ser subdividida em duas abordagens: a documentação do objeto e a documentação administrativa. A primeira consiste no levantamento de dados sobre o objeto e o seu tratamento, já a segunda diz respeito a toda documentação de cunho administrativo produzido pelo museu. Ou seja, a documentação administrativa pode ser considerada um instrumento de apoio às outras atividades desenvolvidas pelo museu, auxiliando na gestão do seu acervo. Conceituando documentação, RODRIGUES e TEIXEIRA (2012) cita o entendimento de Stuart Holm (1991) sobre tal atividade:

Is all the recorded information a museum hold about the items in its care. It also describes the activity of gathering, storing, manipulating and retrieving that information. It is not an end in itself. It is the means by which both museums staff and visitors can find the information they need [...] the information can be about objects, photographs, films, books, paper archives, tape recording, etc. It can include physical descriptions, historical background, details of acquisitions, storage locations, accounts of work done to objects whilst they are in the care of the museum, and much more besides (RODRIGUES; TEIXEIRA, 2012, p. 292, apud HOLM, 1991, p.2)

Constitui-se portanto, no registro sistemático de todas as informações que permeiam o objeto, entendendo-se como uma atividade de caráter processual, na medida em que as informações sobre os objetos deverão ser sempre atualizadas. Ou seja, faz-se necessário registrar toda a movimentação do objeto dentro da instituição e fora dela (PADILHA, 2014).

A teorização da área de documentação museológica, bem como os seus procedimentos normativos não são estanques. Diferentes autores e comitês, como o International Committee for Documentation do International Council of Museums (CIDOC/ICOM) e a Standard Procedures for Collections Recording Used in Museums da Collections Trust (SPECTRUM), tem se debruçado sobre a área, buscando a construção de uma normativa padrão. Tais iniciativas visam fornecer um conjunto de ações mínimas a serem efetuados pelos museus que



## 3º sebra mus

subsidiem uma gestão eficaz do seu acervo (SPECTRUM, 2014) e também padronizar os metadados a serem utilizados nas fichas de catalogação (CIDOC, 2014).

No que diz respeito à funcionalidade e a importância de se estabelecer um sistema documental em museus, BOTTALLO (2010) pontua que é através da documentação que ocorre a identificação dos objetos para fins culturais, acadêmicos e históricos, e a produção de conhecimento sobre o mesmo. Através desses sistemas documentais pode-se realizar a quantificação do seu acervo, aspecto que permite a comprovação da posse legal do bem pelo museu. De acordo com BOTTALLO (2010):

a documentação museológica é importante por vários motivos, entre eles, é o processo por meio do qual podemos conhecer alguns dos muitos valores e significados do acervo preservado. Além disso, os registros sobre o histórico dos objetos podem orientar processos de conservação e restauração, ajudar no gerenciamento e monitoramento dos acervos e orientar curadorias cujo intuito seja o de divulgar o acervo por meio de exposições e das ações educativas orientadas para as demandas diferenciadas do público dos museus (BOTTALLO, 2010, p.52).

A documentação permite também a salvaguarda dos objetos, potencializar o seu acesso ao público e ampliar os seus “usos” através da informação, ao mesmo tempo em que é “capaz de transformar os acervos em fontes de pesquisa científica e/ou em agentes de transmissão de conhecimento” (CANDIDO, 2006, p.34), atendendo as necessidades do seu público. Em síntese, se a documentação museológica

(...) for executada de uma forma adequada poderá contribuir para uma efetiva gestão das coleções, definição de políticas de incorporação, áreas temáticas e limites das coleções, controlo de movimentos e segurança dos objetos, conservação, acondicionamento em reserva ou exposição, acessibilidade às coleções com vistas à investigação e comunicação com os públicos (RODRIGUES; TEIXEIRA, 2012, p.292).

O não desenvolvimento das atividades da área de documentação pelos museus podem causar prejuízos ao cumprimento de outras funções museológicas, “pois inutiliza os objetos,



## 3º sebra mus

uma vez que não permite o acesso às informações contidas nele, e, por conseguinte, reduz sua função social e cultural dentro de uma comunidade (PADILHA, 2014, p.38)”. Um objeto dissociado de sua documentação respectiva perde, assim “grande parte da sua identidade e do seu valor cultural e financeiro” (RODRIGUES; TEIXEIRA 2012, p. 293), ou seja, ele perde sua legitimidade enquanto objeto musealizado. Portanto, se faz necessário que os museus sistematizem suas atividades no campo da documentação. É a partir dessa indispensabilidade, que foi proposto ações pontuais na área de documentação no Museu da Força Expedicionária Brasileira Regional Belo Horizonte.

### **Museu da Força Expedicionária Brasileira e John William Buyers: uma contextualização**

O Museu da Força Expedicionária Brasileira Regional Belo Horizonte (Museu da FEB) é uma instituição que se encontra vinculada à Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (ANVFEB), organização responsável pela sua gestão. Tal instituição foi fruto do desejo de seus membros associados e colecionadores em preservar a memória e a história da participação da Força Expedicionária Brasileira no teatro de operações na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. Fundado em 1973, o museu foi instalado inicialmente no porão de um edifício localizado na Avenida Augusto de Lima com Rua da Bahia, região central de Belo Horizonte, sendo transferido em 1986 para um casarão tombado na Av. Francisco Sales nº 199, sua atual sede, tendo aberto novamente as suas portas ao público em 1988.

Seu acervo foi formado a partir de doações realizadas pelos membros da ANVFEB, familiares dos pracinhas da FEB e colecionadores particulares, abarcando diferentes materialidades e suportes, como por exemplo, jornais, uniformes, medalhas, cartões postais, armamentos, fotografias. Contudo, o museu não consegue precisar quantos objetos compõe o seu acervo atualmente, pois ainda não foi realizado um inventário sistemático com todo o seu acervo.



## 3º sebra MUS

Permanecendo com uma expografia desatualizada e defasada por mais de vinte anos, o museu passou, em 2011 por uma reforma de sua infra-estrutura, ficando fechado ao seu público por quatro meses. Tal reforma tinha como intuito modernizar as suas instalações físicas, suas exposições, e os mobiliários onde ficavam expostos o seu acervo. Com uma doação expressiva realizada pelo Major John William Buyers em 2014, no ano seguinte o museu reorganizou sua expografia visando exibir ao público os objetos e fotografias doados pelo Major, nomeando a sala em sua homenagem.

Faz-se necessário elucidar brevemente a trajetória do Major John William Buyers e sua ligação com a Força Expedicionária Brasileira, pois tal relação se evidencia na constituição do acervo fotográfico doado ao museu. Filho de americanos, John William Buyers nasceu na cidade de Juiz de Fora em Minas Gerais Gerais em 1920, tendo residido naquele local até completar o ginásio. Foi enviado aos Estados Unidos para cursar o ensino superior. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial foi convocado para servir na Força Aérea Americana (USAF), ganhando o posto de 2º Tenente. Posteriormente retornou ao Brasil para servir na Base Aérea de Recife.

A cessão de bases militares brasileiras, principalmente as situadas na região nordeste, aos Estados Unidos da América, teve como base a política de vizinhança adotada pelos Norte americanos. A argumentação apresentada pelo Exército Americano seria de que essa região seria alvo de ataques nazi-fascistas, resultando na criação, em 1940, da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos. Através dessa comissão, foi assinado um contrato entre os dois países que cedia ao governo americano duas bases militares no Rio de Janeiro, e posteriormente na costa brasileira (CPDOC, 2017). Ressalta-se que como forma de compensação, foi concedido ao Brasil recursos financeiros para industrializá-lo, fomentando as indústrias siderúrgicas no país.

Com a criação do 1º Grupo de Aviação de Caça (1º GAvCa) em dezembro de 1943, o então Tenente Coronel Nero Moura, condecorado Brigadeiro posteriormente, atento ao trabalho realizado por John Buyers em Recife, convidou-o para servir ao 1º GAvCa. Moura negociou com o exército americano para que Buyers pudesse atuar como homem de ligação



## 3º sebra MUS

entre os dois exércitos, devido a sua fluência nos dois idiomas: inglês e português. Estabelecido essa relação, Buyers participou dos treinamentos realizados em Aguadulce no Panamá e na Flórida, momento este retratado nas fotografias doadas ao museu. Apesar de sua função burocrática, Buyers realizou junto ao 1º GAvCa diversas missões como ala, participando de 21 missões de combate na Itália (LIMA, 1980), tornando-o uma personalidade emblemática para a história militar brasileira.

Foi também um ávido colecionador de selos e fotografias, paixão essa que se consolidou em uma expressiva coleção de fotografias que registraram o treinamento realizado pelo 1ºGavCA no Panamá e nos Estados Unidos, e a participação da FEB na Segunda Guerra Mundial. Tal acervo torna-se uma rica fonte daquele período. O acervo doado ao museu é composto por mais de 1300 objetos, que incluem filmes, medalhas, passaportes, álbuns fotográficos e fotografias. Ressalta-se que tal acervo ainda não foi quantificado, arrolado e catalogado, o que dificulta precisar quantos objetos pertence a tal conjunto. Por se tratar de uma coleção extensa, optou-se por trabalhar nessa “experiência” com o acervo fotográfico colecionado pelo Major John William Buyers que não se encontra atualmente em exposição.

### **Diagnóstico da Área de Documentação: entre problemas e soluções**

Buscando detectar quais as atividades da área de documentação realizadas pelo museu, utilizou-se como metodologia o diálogo com os funcionários da instituição e análise dos documentos utilizados pelo museu. Pôde-se constatar que as atividades de documentação se encontravam bastante fragilizada, pois o museu não apresentava alguns dos principais instrumentos utilizados em um “sistema” documental.

Constatou-se que o museu possuía um plano museológico, que se encontra defasado, regimento interno de funcionamento da ANVFEB, o estatuto social da Associação de Amigos do Museu da Força Expedicionária Brasileira e cópias de e-mails registrando as solicitações realizadas pelo museu à entidades externas. Identificou-se que os termos de agradecimento de doação utilizados pela instituição não apresentam unicidade textual, ressaltando-se que estes começaram a serem utilizados somente em 2013. Constata-se que nem todos os termos de



## 3º sebra mus

agradecimento de doação analisados apresentavam uma quantificação exata dos objetos que foram cedidos, o que não assegura ao museu a posse legal e física dos objetos.

Pôde-se pontuar a ausência de alguns instrumentos de documentação administrativas, como por exemplo, o termo de comodato, termo de cessão de imagem, termo de doação, termo de empréstimo, termo de permuta, termo de devolução de acervo e um modelo de termo de agradecimento de doação padronizado a ser entregue à todos os doadores. Tais documentos são essenciais para uma gestão de acervo eficaz, como bem orienta a normativa SPECTRUM (2014). No que tange à documentação museológica, identificou-se a ausência do livro de registro ou livro de tombo, ficha de catalogação, planilha de arrolamento com todo o acervo identificado, termo utilizado para a realização do diagnóstico do estado de conservação de cada objeto, bem como a ausência de um número de registro individual para cada peça que é incorporada ao acervo da instituição e a sua marcação física. A ausência de tais instrumentos compromete assim a função de salvaguarda do museu, a informação intrínseca e extrínseca das peças e o seu valor como objeto museológico.

Outros problemas que pôde-se averiguar é o fato do museu não possuir em seu quadro de funcionários uma equipe de profissionais que sejam responsáveis pela salvaguarda do acervo, e a falta de um espaço adequado, como de uma reserva técnica, para a realização das atividades de conservação preventiva do acervo, o que contribui para a não execução das ações de documentação no museu.

No que tange ao acervo fotográfico doado pelo Major, constatou-se que este não foi alvo de nenhuma atividade de registro, catalogação e quantificação. Outro problema encontrado, e que também diz respeito à sua documentação, é a necessidade de digitalizá-lo, devido ao fato da fragilidade do seu suporte.

Pôde-se portanto realizar algumas atividades de cunho “experimental” na área de documentação do museu. Por não possuir nenhum instrumento de documentação que assegure sua posse jurídica e física do objeto, a primeira ação desenvolvida na área de documentação do Museu da FEB foi a criação dos termos a serem utilizados pela instituição, visto que estes fundamentam e auxiliam à organização de um sistema documental.



## 3º sebra mus

Para tal, lançou-se mão de leituras bibliográficas que discutem o tema e da análise de modelos já utilizados por outros museus. A partir desta metodologia, construiu-se os seguintes termos: termos de abertura e de fechamento do livro de registro, o livro de registro, o termo de empréstimo, doação, comodato, cessão de imagens, e de agradecimento de doação, planilha de inventário em formato Excel, termo de devolução de acervo, termo de permuta e relatório de estado de conservação. Foi produzido também uma ficha de catalogação que teve como base o modelo proposto por CANDIDO (2006) ao Museu Mineiro, que inicialmente seria utilizada tanto para os acervos bidimensionais - fotografias e documentos, como os tridimensionais - armamentos, vestuários, equipamentos militares.

Buscando aferir o preenchimento dos campos propostos na primeira ficha de catalogação criada, foi realizado um teste piloto com cerca de cinquenta objetos tridimensionais e dez bidimensionais - pertencentes ao acervo fotográfico do Major John Buyers. Com a realização do teste piloto constatou-se a necessidade de se criar uma ficha de catalogação separada para o acervo fotográfico, devido a sua especificidade tipológica, e de se atualizar alguns campos da primeira ficha, que se ajustam às especificidades do acervo tridimensional, padronizando ambas às normativas do CIDOC (2014) e do SPECTRUM 4.0 (2014).

Para a construção da ficha de catalogação de acervos fotográficos, adotou-se como metodologia a análise de outros modelos de fichas adotados por outras instituições, principalmente aquela utilizada pelo Museu Histórico Abílio Barreto<sup>1</sup>. Um trabalho teórico que subsidiou a criação da ficha de catalogação para acervo fotográfico é aquela exposta por CAFÉ e PADILHA (2014) em um artigo. Tal trabalho realizou uma bricolagem dos metadados propostos por KOSSOY (2001) e MANINI (2008) para uma ficha voltada para acervos fotográficos. Tal bricolagem resultou em um quadro de itens mínimos que devem estar presentes em uma ficha de catalogação para fotografias, tendo em vista as especificidades desta tipologia de acervo.

---

<sup>1</sup>Criada dentro do projeto de digitalização e organização do seu acervo fotográfico, iniciado em 1993 e que ainda se encontra em fase de desenvolvimento (SANTOS, 2007).



## 3º sebra mus

Como forma de sistematizar e normatizar as práticas documentais do Museu da FEB, foram criados três manuais de procedimentos: manual para catalogação de acervos tridimensionais, manual para acervos fotográficos e um manual de procedimento sobre a importância dos termos criados, principalmente os termos de documentação administrativa.

Para a construção do manual de procedimentos de catalogação de fotografias foram adotados o trabalho de CAFÉ e PADILHA (2014), como citado anteriormente, e de KOSSOY (1989). A escolha destes escritos se justifica pelas descrições que os autores fazem do modo de se preencher cada metadado apresentado, apontando para a padronização do preenchimento. O manual de procedimentos de catalogação de acervos tridimensionais teve como base o trabalho de CANDIDO (2006) no Museu Mineiro e a normativa do CIDOC (2014), uma vez que estes trabalhos apresentam uma linguagem didática no preenchimento dos metadados por eles apontados e também por apresentarem campos mínimos de informação para a composição da ficha. Ressalta-se que ambos os manuais registram o processo de elaboração do número de registro a ser utilizado pelo museu da FEB. Optou-se pelo modelo bipartido, composto pela sigla do museu e cinco dígitos separado por ponto (.).

Já o manual de procedimentos de uso dos termos de documentação teve como base a normativa SPECTRUM 4.0, e as discussões propostas por PADILHA (2014), COSTA (2006) e ROBERTS (2004). A criação deste documento teve por intuito assinalar a importância do emprego dos termos confeccionados pelos profissionais que atuam no museu, inserindo o seu uso nas práticas cotidianas da instituição. Ressaltando que até a presente “experiência”, o Museu da FEB não utilizava nenhum documento que registrasse as informações sobre a aquisição do seu acervo, o que provocou a dissociação dessas informações.

### **Digitalização das fotografias: considerações sobre o teste piloto realizado a partir do acervo fotográfico Buyers**

O acervo fotográfico doado pelo Major John William Buyers é composto de seis álbuns fotográficos, na qual se encontram anexas 994 fotografias, uma fotografia autografada, 213 negativos de fotografias, 1 official filme, 3 filmes cine serviço 8mm, 2 filmes sony recording tape 8 mm, 1 caixa com 212 slides, 4 rolos de filmes 16 mm, 15 slides kodak, 5 trechos de rolos de filmes 16 mm, 3 fitas de vídeos, 33 fotografias individuais, 2 fotografias emolduradas e fotografias recentes e pessoais que não foram quantificadas no inventário. Tal lista atesta a importância deste acervo como uma rica fonte documental para a história da Força Expedicionária Brasileira e também para a história militar do Brasil.

Para a realização da “experiência” em digitalização foram disponibilizadas 128 fotografias, objetos que pertencem ao mesmo conjunto documental daquelas que se encontram expostas. O delineamento do acervo experienciado se deu a partir da sugestão do então presidente do museu, Marcos Moretzsohn Renault Coelho, em digitalizar as fotografias pertencentes a esse acervo, tornando-o mais acessível aos diferentes públicos.

Para além da sua difusão ao público do museu em escala globalizada, a digitalização pode ser entendida como uma ferramenta de salvaguarda desse acervo, pois a fotografia é um suporte autodestrutivo que ao iniciar o seu processo degradativo, liberam substâncias químicas que aceleram a sua degradação (CALMON; ALVES, 2016), gerando assim, danos irreversíveis. A digitalização das fotografias culminaria na diminuição do seu manuseio, contribuindo para a sua preservação física, tendo em vista que o manuseio é um fator degradante à essa tipologia de acervo. Pode-se citar também que o processo de digitalização permitiria melhorar a qualidade da imagem através do tratamento de cor e saturação, sendo um importante instrumento auxiliar do campo da restauração dessa tipologia de acervo (RODRIGUES, 2010).

Adotou-se como amostra para a realização do teste piloto dez fotografias pertencentes ao acervo do Major Buyers, na qual essas passaram pelo processo de digitalização, catalogação e foram inseridas na planilha de arrolamento de inventário. Devido a ausência de



## 3° sebra mus

um ambiente adequado para a realização da atividade, como já pontuado, bem como de equipamentos que permitam a digitalização em alta resolução, o teste piloto realizado se encontra comprometido, pois o equipamento utilizado permitiu digitalizar a fotografia somente em até 900 DPI - número de pixels por polegadas - e salvá-las somente no formato PDF e JPEG, o que faz com que as fotografias digitalizadas não estejam em alta resolução e bem definidas, o que as distanciam da matriz de cor da fotografia original.

Constatou-se a partir do teste piloto a importância em se definir inicialmente os parâmetros a serem adotados no processo de digitalização das fotografias, bem como as ferramentas que serão utilizadas no seu tratamento, organização e disponibilização no meio virtual, etapas que não foram contempladas durante esta experiência.

### **Confrontando experiências:**

Com intuito de subsidiar práticas futuras no que tange à organização, tratamento e digitalização do acervo fotográfico doado pelo Major John William Buyers, buscou-se referências de projetos já realizados em outros museus de cunho militar. Encontrou-se alguns exemplos que permitem refletir acerca de tal prática no acervo do Museu da FEB.

Pode-se citar o projeto realizado no Museu do Expedicionário em Curitiba, em parceria com o Departamento de História da Universidade do Paraná e escolas da rede públicas e privadas da cidade. Apesar do cunho pedagógico do projeto, este buscou analisar as fotografias em sua perspectiva representacional e discursiva quando inseridas no circuito expositivo da instituição. A partir dessa análise foi constatado seis dimensões analíticas:

(...) balizas cronológicas que delimitam e circunscrevem os eventos expostos, enfatizando alguns contextos e desprezando outros; construção do protagonismo de personalidades; idealização de determinadas atividades profissionais; propaganda de guerra; mascaramento da realidade histórica; instrumento de rememoração dos mortos (OLIVEIRA, 2013, p.950)

O projeto realizado no Museu do Expedicionário, ainda que não abrangeu a digitalização e a organização do seu acervo fotográfico, permitiu promover uma reflexão



## 3º sebra mus

sobre a sua coleção e o modo como elas foram expostas, o que revelou discursos hegemônicos e contraditórios. Tendo em vista estes discursos, pode-se refletir sobre a potencialidade da área de documentação museológica, bem como da realização de pesquisa sob os objetos do museu. Tais atividades permitiriam à desconstrução de estereótipos discursivos, contribuindo também para a construção de novos discursos museológicos que promovam a reflexão sobre a participação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Um exemplo que pode se citar como referência no tratamento, organização e digitalização de acervos fotográficos, é aquela desenvolvida a partir da coleção de fotografias sobre a Guerra do Paraguai presentes no arquivo do Museu Histórico Nacional no Rio de Janeiro. Atualmente tais fotografias se encontram disponibilizadas online no sistema de informação da instituição. Composta por 743 documentos, essa coleção foi ganhando forma através da doação, compra e transferência no período de 1924 a 1960 de fotografias e outros suportes documentais, sendo dividida em seguintes espécies documentais:

álbuns de fotografias (GPfa); fotografias avulsas (GPf); estampas (GPe); álbuns de estampas (GPea); documentos textuais (GP) manuscritos, impressos e datilografados; documentos cartográficos (GPm) mapas e plantas; atlas (GPat); e recortes (GPr) de vários jornais da época, inclusive do Suplemento da Semana Illustrada (BANDEIRA, [20??])

Exemplos ilustrativos de projetos já desenvolvidos por outras instituições museológicas em parceria com outras entidades, permite elucidar algumas práticas desenvolvidas na área de documentação museológica, o que abrange a sua organização, digitalização, tratamento e difusão ao público. Contudo, ressalta-se que no contexto brasileiro, poucos são os exemplos de projetos que abarcam o tratamento de coleções fotográficas de cunho militar, fontes férteis para a pesquisa sobre a história militar no Brasil.



## 3º sebra mus

### **Conclusão:**

O presente trabalho teve por finalidade discorrer acerca das atividades experimentais desenvolvidas na área de documentação museológica no Museu da Força Expedicionária Brasileira Regional Belo Horizonte. Concluiu-se que tais atividades encontravam-se fragilizadas, pois o museu carecia dos instrumentos básicos de documentação e não executava nenhuma ação nessa esfera. Através de ações pontuais de estruturação dos termos e manuais de procedimento buscou-se, dentro do escopo da proposta de vivência dentro da instituição, sistematizar e conscientizar a equipe do museu acerca da importância do uso da documentação na salvaguarda física e jurídica do seu acervo, resguardando o museu legalmente.

Devido a abrangência da área de documentação museológica e a vulnerabilidade em que encontrava o acervo do museu, constatou-se que esse campo de atuação ainda se encontra fértil, pois ainda se é necessário realizar o preenchimento da planilha de arrolamento com todo o acervo pertencente ao museu da FEB, a marcação reversível do número de registro em cada peça, a sua catalogação individual em um sistema computadorizado e físico, seu registro fotográfico, a realização do diagnóstico do estado de conservação desses objetos, a criação de um thesaurus museológico.

No que diz respeito a digitalização do acervo fotográfico pertencente ao Museu da FEB, sugere-se a criação de um projeto que transcende as experiências vivenciadas através do teste piloto, definindo padrões normativos de digitalização e catalogação destas fotografias. Faz necessário se estabelecer qual plataforma virtual será utilizada para organiza-los e disponibiliza-los ao público, contratando mãos de obras especializada, comprando equipamentos que permitam uma digitalização em alta resolução e em outros formatos de arquivos - aspecto que deverão ser definidos no projeto de digitalização de acervo. Mas se faz fundamental organizar um espaço dentro da instituição que ofereça condições adequadas para a realização do trabalho proposto.

Pretendeu-se, por fim, fornecer subsídios para o desenvolvimento das ações internas na área de documentação museológica no Museu da FEB, objetivo alcançado ao meu ver, pois

a instituição já utiliza os termos que foram criados. Contudo, a atividade experimental desenvolvida na área de documentação não é estanque, e carece de novas reflexões metodológicas que se interseccionem com as discussões vigentes.

### **Referências Bibliográficas**

ALVES, Renato Marques. CALMON, Tatiane Lemos. **Digitalização do acervo fotográfico: uma experiência na biblioteca LãJuomin.** In: Anais do VI Encontro Nacional de Ciência da Informação, Salvador: UFBA, 2005. Disponível em: <[http://www.cinform-antiores.ufba.br/vi\\_anais/docs/RenatoAlvesTatianeCalmon.pdf](http://www.cinform-antiores.ufba.br/vi_anais/docs/RenatoAlvesTatianeCalmon.pdf)> Acesso em: 22 de agosto de 2016.

BRASIL. **Lei nº11.904 de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências.** Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF.

CAFÉ, Lígia Maria Arruda. PADILHA, Renata Cardozo C. **Organização de acervo fotográfico histórico: proposta de descrição.** InCID: **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 5, p. 90-111, 2014.

CÂNDIDO, Maria Inez. **Documentação Museológica.** In: Cadernos de Diretrizes Museológicas. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura /Superintendência de Museus, 2006.

CIDOC. **Declaração dos princípios de documentação em museus e Diretrizes internacionais de informação sobre objetos: categorias de informação do CIDOC / Comitê Internacional de Documentação (CIDOC).** Conselho Internacional de Museus (ICOM ); tradução Roteiro Editoração e Documentação; revisão técnica Marilúcia Bottallo. – São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo; Associação de Amigos do Museu do Café; Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2014.

COSTA, Evanise Pascoa. **Princípios básicos da museologia.** Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus/ Secretaria de Estado da Cultura, 100p, 2006.

CPDOC. **Diretrizes do Estado Novo (1937-1945): Noção do Alinhamento.** Disponível em:<<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/AGuerraNoBrasil/NegociacaoAlinhamento>> Acesso em 12 de junho de 2017.

JULIÃO, Letícia. **Pesquisa Histórica no Museu.** Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2001 (Caderno de Diretrizes Museológicas)

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

LIMA, Rui Moreira. **Senta a Pua!** Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, p.451, 1980.

MARCONDES, Marli. **Conservação e Preservação de Coleções Fotográficas**. Boletim do Arquivo (São Paulo), Imprensa Oficial de São Paulo, v.1, p.1-7, 2005.

MUSEU DA FEB. **Plano Museológico do Museu da FEB**: Regional Belo Horizonte, Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013.

OLIVEIRA, Dennison. **Problematizando a interpretação de imagens da Segunda Guerra Mundial**: o Museu do Expedicionário (Curitiba/PR) e o ensino de História na Educação Básica. In: IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem (ENEIMAGEM)/I Encontro Internacional de Estudos da Imagem, 2013, Londrina. Anais 2013 IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem (ENEIMAGEM)/I Encontro Internacional de Estudos da Imagem. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2013. v. 1. p. 56-56.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação Museológica e Gestão de Acervo**. Florianópolis: FCC, 2014.

PAVÃO, Luís. **Conservação de Fotografias: o essencial**. In: Cadernos técnicos de conservação fotográfica, 3/[organização do Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da Funarte]. 3. ed. rev - Rio de Janeiro: Funarte, p. 8-15, 2004.

POZZEBON, Flávia. **Manual de preservação fotográfica**: Centro de Pesquisas Genealógicas. Rio Grande do Sul: Nova Palma, 2013. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/ppgppc/images/Anexodissertacaopozzebon.pdf>> Acesso em: 22 de agosto de 2016.

ROBERTS, Andrew. **Inventário e Documentação**. In: **Como gerir um museu: Manual Prático**. França: Conselho Internacional de Museus – ICOM /UNESCO, 2004.

RODRIGUES, Francisco Amado. TEIXEIRA, Mariana Jacob. **Museus Militares do Exército**: Um modelo de gestão em Rede. Lisboa: Edições Colibri, p. 308, 2012.

RODRIGUES, Sérgio Frederich. **Manutenção e preservação de acervo fotográfico digital**: arquivo privado do condomínio residencial parque dos Ipês I. **Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação** - ARC - Vol. 3 - Edição Especial, 2011.



3°  
sebra  
mus

**SANTOS, Gilvan Rodrigues dos. Informatização de acervos fotográficos.** Revista do Arquivo Público Mineiro, v. 43, p.148-161, 2007.

**SPECTRUM. SPECTRUM 4.0: o padrão para gestão de coleções de museus do Reino Unido / Collections Trust.** São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura; Associação de Amigos do Museu do Café; Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2014. (Gestão e documentação de acervos: textos de referência; v. 2). Tradução de: "SPECTRUM 4.0: the UK Museum Collections Management Standard". 256 p.